

As Bruxas da Noite

Título do original: *Uma Donna Può Tutto*.

Copyright © 2018 Adriano Salani Editore s.u.r.l. – Milão.

Copyright da edição brasileira © 2019 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2019.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Seoman não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Danilo Di Giorgi

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: S2 Books

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

000 010 020 030 040 050 060 070 080 090

Copyrighted image

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres soldados : União Soviética :

Guerra Mundial, 1939-1945 940.544947

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

1ª Edição digital 2019

eISBN: 978-85-5503-112-0

Seoman é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editoraseoman.com.br>

E-mail: atendimento@editoraseoman.com.br

Foi feito o depósito legal.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Malditos aviõezinhos

Eu queria conhecer uma bruxa

Em voo

Era uma vez...

“Corram, Molotov vai falar!”

Truffaut em Moscou

Para a linha de frente, para a linha de frente!

Uma mulher de aço

Na taiga

Número 43

Um tapete de tranças

O pássaro de madeira e percal

Homens inimigos

Lágrimas

O regimento das tolinhas

Ljuba e Vera não voltam

Em fuga

“Nem mais um passo para trás”

Vamos conseguir?

Senhoritas em voo

Tudo inútil?

Saia, não!

Fogueiras no céu

Zhenya

Sem paraquedas

Pista de dança

Gritos às margens do mar Báltico

Mulheres inúteis

Esperando por Dimitri

As bruxas também morrem

Malditos aviõezinhos

Aqueles malditos aviõezinhos. Chegam apenas à noite, descem em silêncio, lançam sua carga de fogo e voltam rapidamente para as nuvens. Em poucos minutos, semeiam terror e destruição. Do campo, tentam aprisioná-los nas redes dos refletores, mas eles escapam da artilharia antiaérea. Quando esta começa a disparar, é tarde demais; eles já estão nas alturas de novo, além do manto de nuvens.

Alfred pilota um caça-bombardeiro Junker de tecnologia avançada, o melhor da *Luftwaffe*. Durante o dia, rasga o céu e desce mergulhando de cabeça, com uma sirene que dá mais medo do que o espocar das metralhadoras, o estouro das bombas e o estrondo do desabamento dos edifícios atingidos. Agora, depois de uma noite em claro, olha para o céu que lentamente clareia, e acende um cigarro.

Com a chegada da luz, a calma voltará ao campo, os feridos receberão tratamento, os mortos serão sepultados, os danos serão avaliados, para então se retomarem os preparativos para o novo dia. Todavia, nem a ordem nem a disciplina serão capazes de aplacar a inquietação que se respira por toda parte. Ninguém sabe quem produz o inferno de fogo. Quem lança essas bombas? Alfred conseguiu ver que elas vêm de aviões pequenos, muito ágeis, que a artilharia antiaérea tem dificuldade para atingir porque são silenciosos, escapam dos raios dos refletores porque ousam fazer manobras temerárias,

viradas extremas, zigue-zagues improvisados. Será que se trata de uma divisão especial?

Ele ainda não tem uma resposta. Ao que parece, tampouco a têm os altos escalões. São dias difíceis. A *Wehrmacht* quer aproximar-se do Cáucaso; os soldados lutam com a lama antes de enfrentarem, dentro de algumas semanas, a neve e o gelo; a cada dia, o terreno se faz mais insidioso, a guerra, mais longa, e as ordens do comando, contraditórias. Acreditavam que seriam enviados ao norte, a fim de levarem reforços para as tropas, prontas a entrar em Moscou e Leningrado. Achavam que estavam prestes a tomar a capital que nem mesmo Napoleão conseguira subjugar; porém, de repente, chegou a ordem de ir para o sul, a fim de conquistar os oleodutos do Cáucaso. Precisam reabastecer o país e o exército com petróleo. E é necessário muito petróleo para colocar os veículos, os tanques, os navios, os aviões e os submarinos em funcionamento.

Deu certo até determinado ponto, pensa Alfred, enquanto joga fora a ponta do cigarro. Até o verão, estavam convencidos de conseguir alcançar o objetivo, mas há pouco tempo algo tinha deixado de funcionar. O inimigo está em retirada, mas não em fuga. Stalingrado, cercada, atingida, bombardeada, resiste. Alcançar os poços é mais difícil do que o previsto.

Agora se acrescentaram aqueles malditos aviõezinhos. São eles que alimentam um pressentimento incômodo. A infantaria, com seus pesados equipamentos, tem de avançar mais de quarenta quilômetros por dia. Quando param, os soldados estão destruídos e esperam a noite como uma bênção, para finalmente poderem deitar-se e fechar os olhos por algumas horas. Em vez disso, ao cair da escuridão, quando começam a saborear um pouco de tranquilidade, esses malditos aviõezinhos surgem no céu de repente e despejam sobre eles uma bomba depois da outra. Até o amanhecer, em ritmo regular.

O que desestabiliza as tropas, cansadas pelas longas caminhadas, não são os mortos e os feridos vítimas das incursões noturnas. O que os perturba é, antes, a surpresa, a incerteza, o cansaço pela falta de sono, a pergunta que ninguém consegue responder: quem está provocando essa chuva de bombas?

Alfred, porém, sabe uma coisa que os outros não sabem e que as altas esferas do comando quiseram calar. Algum tempo antes, um dos aviõezinhos caiu. Espatifou-se no chão por causa da névoa ou porque perdeu a rota. Quando os soldados da *Wehrmacht* se aproximaram, descobriram que havia duas mulheres na cabine. Morreram na hora, ainda no posto de comando. Buscaram alguma coisa que as identificasse ou que permitisse entender de onde vinham e a qual regimento pertenciam. Não encontraram nada. Quem pilotava devia ter tomado todas as precauções para que nada de importante caísse em mãos inimigas. Os soldados foram embora, deixando que aqueles corpos fossem sepultados pelos camponeses do lugar, depois relataram o fato aos comandantes.

Seria possível que biplanos, que parecem brinquedos, mas espalham tanto caos, sejam pilotados por mulheres? Seria possível que fossem elas a provocar, todas as noites, tanta destruição? O comando prefere não difundir a notícia; os homens não devem saber que são ameaçados por garotas soviéticas no comando de aviões de brinquedo. Seria algo insuportável para eles. Mesmo Alfred tem dificuldade para aceitar o fato. Seria possível que fossem mulheres? Tão competentes, ágeis, precisas, impiedosas? Tão indiferentes ao perigo? Chegam à noite, de repente, semeiam o terror e depois tocam novamente o céu. Misteriosas, fugidias, impossíveis de capturar. Parecem bruxas. *Nachthexen*, bruxas da noite.

Eu queria conhecer uma bruxa

Eu queria conhecer uma bruxa e, segundo me disseram, ainda havia algumas em Moscou.

A primeira tentativa não deu certo: encalhou em um gentil e firme *niet*. O encontro era impossível por motivos banais, mas insuperáveis naquele momento: não havia tempo, nem sempre as bruxas estavam disponíveis, e quem poderia organizar o encontro, por sua vez, estava muito ocupado.

Entendi que era inútil insistir. O *niet* vinha da diretora do Museu da Grande Guerra Patriótica (assim os russos chamam a Segunda Guerra Mundial), que não é um museu qualquer.

As imensas salas abarrotadas de memórias; a exposição de armas, canhões, mísseis, uniformes, retratos, manifestos, bandeiras; a reconstituição de batalhas; estrelinhas e distintivos nas vitrines de cristal, para não falar do rosto dos generais e das cenas das paradas militares na Praça Vermelha; o perfil de Josef Stalin por toda parte, não apenas ali, para prestar homenagem a uma história gloriosa; tudo isso exalta não apenas a heroica resposta do povo russo à invasão alemã. Nessas salas, também se celebra a Rússia de hoje, a importância da guerra em seu destino e a força de seu passado, que continua a inspirar seu presente. Uma exposição imponente, que desde a primeira vez me emocionou, impressionou, e às vezes me deixa estarecida.

A diretora com quem eu havia falado era uma mulher importante, fazia parte – tal como se diria tempos atrás – da *nomenklatura* e era uma espécie de sacerdotisa da memória. Por ela passavam as iniciativas nas quais ainda hoje estão envolvidos os veteranos da Segunda Guerra Mundial, respeitados na Rússia de Putin como em nenhum outro país. Administrava grande parte dos projetos que, nas escolas, testemunhavam o heroísmo de quem lutou contra o inimigo alemão. Também era ela quem mantinha relações cotidianas com as bruxas, gerenciava os contatos com a imprensa, decidia quem podia encontrá-las.

Eu havia chegado à guardiã da memória por intermédio do veterano Ivan Martinushkin, um dos primeiros militares soviéticos a entrar em Auschwitz, com quem eu fizera uma longa entrevista e que, de maneira totalmente casual, me revelara a existência das bruxas da noite. Segundo me contara, tratava-se de jovens mulheres que, durante a guerra, atacavam os alemães a partir de aviões pequenos e frágeis em meio à escuridão do céu. Eram tão temidas que ganharam justamente o apelido de *Nachthexen*. Ao ouvir esse relato, devo ter feito uma cara tão surpresa e interessada que o veterano Ivan logo acrescentou que eu poderia conhecer uma delas se quisesse. Ele me daria o contato certo. Mas o contato não funcionou.

Minha amiga Eleonora tentou consolar-me. Esse *niet* não deveria me desanimar. Era uma espécie de reflexo incondicionado, fazia parte do espírito e do caráter nacional. Se você permanecer firme e gentil – insistira Eleonora –, os russos geralmente se transformam, tornam-se corteses, hospitaleiros e até colaborativos. Enfim, se persistíssemos em nossos propósitos, de uma maneira ou de outra chegaríamos às bruxas.

Eleonora certamente tinha razão, e eu, por outro lado, não tinha nenhuma intenção de desistir. Ao contrário, depois daquela recusa,

como diante do fruto proibido, minha curiosidade em relação a essas mulheres combativas e misteriosas tinha aumentado. Se os soldados da *Wehrmacht* – que haviam ocupado boa parte da Rússia, assediado Moscou e Leningrado, sufocado Stalingrado e depredado o Cáucaso – sentiram medo de um grupo de jovens que pilotavam pequenos aviões de madeira e lona, é porque essas mulheres realmente deveriam ser fora do comum. Conhecer uma delas seria uma experiência irrenunciável.

Enquanto eu esperava aquele “não” transformar-se em “sim”, decidi dirigir-me aos livros, ao menos temporariamente. A majestosa entrada da Biblioteca Lenin, dominada pelo olhar pensativo de Fiodor Dostoievski, ficava ali, a dois passos da Praça Vermelha. Entre os seus 44 milhões de volumes, com certeza eu encontraria informações sobre aquelas que, a essa altura, Eleonora e eu chamávamos familiarmente de “as nossas bruxas”.

Depois de alguns *niet* – mas, desta vez, realmente de pouca relevância –, a grande biblioteca nos abriu suas portas. Funcionárias gentis e eficientes mostraram-se muito disponíveis às duas extravagantes senhoras italianas que queriam saber sobre as *Nachthexen*. Forneceram-nos muita documentação: biografias, poesias, contos, compêndios de história e até mesmo livros infantis. Conforme aprendemos com surpresa, passando freneticamente de um volume a outro, as bruxas faziam parte de regimentos exclusivamente femininos. Eram chefiadas por mulheres. Assim como eram mulheres as mecânicas e as encarregadas dos armamentos. Como era possível? Em plena guerra, o Exército Vermelho ousara formar regimentos de aviação apenas com mulheres? Até mesmo como pilotas de bombardeiros? Segundo o que lemos, foi o que havia decidido Stalin, em outubro de 1941. Quem diria! O famoso feminista Josef Stalin, que durante a guerra confiava seus aviões a jovens mulheres e aceitava que

nenhum homem os pilotasse. A história nos parecia cada vez mais inacreditável, enquanto a curiosidade se misturava à emoção de quem sente que está se aproximando de um episódio único e em grande parte desconhecido na Itália. Ao sairmos da biblioteca carregadas de anotações e fotocópias, Fiodor Dostoievski, do alto de seu pedestal, pareceu-nos menos preocupado e mais sorridente. E nessa noite, para festejar o início da nossa aventura e confirmar a nós mesmas que o *niet* não nos deteria, jantamos no café Pushkin.

Há em Roma, na Villa Borghese, diante da Galeria Nacional de Arte Moderna, uma estátua de Nikolai Gogol, esculpida por Zurab Tsereteli. Inscritas no mármore, leem-se as seguintes frases: “Posso escrever sobre a Rússia apenas estando em Roma. Somente de lá ela se eleva à minha frente em toda a sua inteireza, em toda a sua vastidão”. Um amigo me indicou essa estátua quando soube que eu me refugiava na cafeteria da GNAM para ler o que havia encontrado sobre as bruxas. Gogol apaixonara-se pela Roma do século XIX, onde começara a escrever *Almas Mortas*. A inscrição me pareceu um sinal. Sentada a uma mesinha do bar que dá para o grande parque romano, enquanto eu lia e fazia anotações, pensei que voltaria a Moscou. Depois, já em casa, escreveria sobre as bruxas, uma história russa que parecera menor para muitos, mas que justamente a partir de Roma se mostrava em toda a sua grandeza. A essa altura, eu já tinha descoberto muitas coisas sobre elas, lido e visto muitas fotos. Tinha ficado fascinada com aqueles semblantes jovens e sorridentes, com os corpos metidos nos uniformes masculinos. Diante da ingenuidade e da inocência daqueles rostos, as perguntas se multiplicaram. Eu queria entender que tipo de convicção as levava a participar do conflito com tanta determinação e a pretender um papel que, antes delas, nenhuma

mulher assumira. Queria chegar ao fundo daquela emancipação, cujos aspectos de dureza, grandeza e unicidade eu intuía.

Na União Soviética, pelo menos um milhão de mulheres partiu para a guerra ao lado dos homens: enfermeiras, telefonistas, cozinheiras e soldadas, atiradoras de elite. É o que revela Svetlana Aleksievitch, escritora de quem gosto muito, no livro *A Guerra não Tem Rosto de Mulher*. Se vocês o lerem, vão sentir-se subjugados como eu pelos sentimentos, pelas emoções, pelas lembranças e pelas angústias que animavam as mulheres durante o conflito. Uma experiência ainda mais trágica por ter sido substancialmente estranha a elas, imposta por uma grande história com a qual, à diferença de muitos homens, não se identificavam por completo e à qual, ao contrário, contrapunham com obstinação sua carga de dor. Aquelas mulheres narradas por Svetlana Aleksievitch pareciam evidentemente violentadas, oprimidas por um objetivo, por um destino que não era delas.

Por outro lado, eu estava descobrindo nas minhas leituras que havia um rosto feminino da guerra. Descobria que as mulheres haviam sido não apenas vítimas dos desastres materiais e morais do conflito, que havia existido para elas mais que apenas sofrimento, coerção, obediência. As bruxas – assim me faziam pensar os livros com suas memórias e os filmes com as entrevistas – não tinham sido vítimas da história; ao contrário, haviam assumido um papel de primeira importância; tinham feito da guerra uma oportunidade de emancipação; tinham aproveitado o conflito para ampliar a própria esfera de liberdade. Não lhes bastara a igualdade na escola ou no trabalho, prometida pela pátria socialista; não haviam sido suficientes os manifestos que, nos muros das cidades e dos vilarejos, anunciavam que as mulheres podiam subir nos tratores, ir para os canteiros de obras e pilotar aviões. Também haviam pretendido a igualdade trágica

e feroz das bombas e da morte. Para tê-la, enfrentaram quem não pretendia reconhecer sua escolha. Aparentemente, dessa luta nasceram vencedoras. Quando narravam suas aventuras, todas as bruxas repetiam com orgulho que tinham demonstrado valer mais do que os homens.

Volto a Moscou alguns meses depois, apenas por poucos dias. Embora eu não tenha renunciado ao sonho de conhecer uma bruxa, duvido que conseguirei nessa ocasião. Penso que, por enquanto, é melhor deixar todo propósito de lado e aproveitar uma cidade dinâmica e resplandecente, que se prepara para as festas de fim de ano em meio a um inverno mais brando do que de costume.

É uma bruxa que me encontra. Enquanto passeio no mercado de Izmailovo, entre matrioskas, centros de mesa bordados, toneladas de antiguidades, medalhas, bandeiras, livros, objetos de decoração, retratos, armas, lembranças da Grande Guerra Patriótica e diversos tipos de bugigangas, em uma barraca de selos vejo um que chama minha atenção. Nele não estão estampadas as habituais figuras cordiais e sorridentes de Lenin e Stalin, mas a de uma jovem com óculos e capacete de piloto. De quem era aquele rosto feminino que, na URSS de Stalin, mereceu um selo? Não tive tempo de formular a pergunta.

— É Marina Raskova — responde-me o vendedor, um pouco surpreso por eu não a ter reconhecido.

De fato, não há livro sobre as bruxas que não a cite nem relato que não fale dela. É a mulher que convenceu Stalin a constituir os regimentos compostos apenas por aviadoras. Agora ela está na minha frente, ainda que em um selo. Compro-o, guardo-o com cuidado em uma caderneta e sinto novamente o aperto da angústia. Desta vez, as

bruxas estão me mandando uma mensagem, e eu não consigo responder. Soa-me como um descumprimento do qual poderei arrepende-me.

Nesse momento de desânimo e em meio a meu pessimismo, não noto a obstinação de Eleonora, que, com seu russo fluente e seu celular escangalhado, decidiu passar por cima da diretora do museu e bombardear as associações dos veteranos e os funcionários do Ministério da Defesa com e-mails, mensagens e telefonemas. Eles devem saber onde estão as últimas bruxas. Observo-a distraidamente, imaginando que esteja colecionando os habituais *niet*; porém, uma tarde ela me anuncia, triunfante:

— Consegui falar com Vladimir Aleksandrovitch Naumkin.

— Quem é? — Foi minha primeira reação desconfiada.

— Um dos responsáveis entre os veteranos junto ao Ministério da Defesa, um senhor gentil, mas um pouco à moda antiga — informe-me Eleonora. Ele não usa SMS nem e-mail, o que a fez penar, mas por fim atendeu ao telefone. — Pedi a ele que nos apresentasse a uma bruxa — prossegue Eleonora.

— *Niet*?

Que nada! Desta vez, a resposta foi *harachó*, tudo bem.

Encontramos Vladimir Aleksandrovitch Naumkin na estação de metrô Universitet. Com seu pesado sobretudo preto, cachecol bem dobrado e apertado em volta do pescoço, o imponente colbaque e os olhos claros, sérios e penetrantes, tem o aspecto solene dos militares reformados e os modos corteses e às vezes austeros dos russos de antigamente. O saco plástico com dois livros sobre a Grande Guerra Patriótica revela que permaneceu estreitamente ligado a ela.

Apresentamo-nos em um café próximo à estação. Ele fala de sua paixão por voar, de quando, aos 17 anos, inscreveu-se em um dos muitos aeroclubes do país e de como continuou depois os estudos no Instituto da Força Aérea de Grozni, tornando-se piloto militar e especializando-se na condução de helicópteros. Por muitos anos trabalhou na equipe responsável pelo resgate de astronautas e naves espaciais que retornavam dos voos pelo espaço. Em 1969 – conta-nos com orgulho –, resgatou o astronauta Volynov em condições extremas de temperatura (-38 °C) e depois o equipamento da nave soviético-americana Soyuz-Apollo.

Fala-nos de sua participação na guerra russo-afegã como conselheiro para a Força Aérea junto ao comando-geral, de quando arriscou a vida e foi condecorado, ao passo que muitos de seus companheiros morreram. Até alguns anos antes, havia sido vice-diretor da Casa Central da Força Aérea, museu moscovita dedicado aos mais célebres pilotos e astronautas soviéticos. Portanto, conhece cada herói e heroína que engrandeceu a Rússia nos céus, em todas as épocas e situações e, por conseguinte, também a última bruxa ainda viva: chama-se Irina Rakobolskaya – informa-nos – e tem 96 anos. Foi vice-comandante do regimento 588 e chefe da equipe.

Fala-nos dela com absoluta admiração e reverência, usando palavras e expressões já em desuso. Ele nos diz que ficaria feliz de nos apresentar a ela se quisermos conhecê-la; pode acompanhar-nos até o apartamento dela na tarde seguinte. Se quisermos? Eleonora e eu estamos no sétimo céu. Cancelamos um compromisso, renunciamos à *bania*, típica sauna russa, estamos prontas a qualquer momento para a bruxa – respondemos – e levamos conosco uma longa lista de

perguntas. Lemos muito sobre elas, e há muitas coisas que ainda queremos saber.

Irina mora no bairro da universidade, em um prédio vizinho ao arranha-céu da MGU (Moskovski Gosudarstvenny Universitet, a Universidade Estatal de Moscou) – uma das “sete irmãs”, construções-símbolo da arquitetura stalinista. Depois de quatro anos de guerra, pediu baixa do exército e retomou os estudos. Em seguida, lecionou física, tornou-se uma importante acadêmica justamente naquele mastodôntico e solene edifício e, como grande parte dos professores, continuou vivendo no apartamento que lhe fora atribuído.

A sede da MGU é realmente majestosa, com a grande escadaria, as colunas, os pináculos, os símbolos do regime durante o qual foi construída. Sou fascinada pelos dois grupos de esculturas nas laterais da grande escadaria de entrada, que representam a indivisível relação entre povo e cultura, bem como a igualdade entre homens e mulheres que o stalinismo afirmava perseguir. De um lado, um operário da construção civil com a colher de pedreiro está esculpido junto a uma estudante. Do outro, um estudante com um livro é representado ao lado de uma colcoziana com a foice e as espigas.

Quando entramos no átrio do prédio onde mora Irina – grandioso e decadente, com o inconfundível odor de sopa, o carpete descolado e as paredes descascadas –, percebo que estou emocionada e, ao avistar, atrás de uma longa mesa, uma porteira carrancuda que parece ter saído diretamente das páginas de *O Zero e o Infinito*, temo que um novo *niet* anule o encontro. Mas Eleonora a cumprimenta cordialmente, e Vladimir Aleksandrovitch é incisivo ao anunciar:

— Vamos ao apartamento de Irina Rakobolskaya.

Podemos subir ao primeiro andar e bater à sua porta.

Ali está a bruxa, sentada em seu sofá-cama, com dois xales de fina lã de Orenburg, os cabelos brancos sob um gorro de lã e óculos espessos que não escondem o olhar vivo e a cordialidade simples dos russos. Não perde muito tempo com as formalidades, convida-nos a sentar e se mostra disponível. Faz apenas uma premissa. Sobre as bruxas – diz – foram contadas muitas lorotas, mas uma acima de todas a irritou: “Escreveram que também havia homens no nosso regimento. Não é verdade, éramos todas mulheres e assim permanecemos até o final. Não deem ouvidos a quem diz o contrário”. Depois, começa a contar.

Passamos muitas tardes com Irina. Voltamos a Moscou para conversar com ela após essa primeira vez. E Irina nos dedicou seu tempo, mostrou-nos livros, fotografias, mapas. Ofereceu-nos chá, tortas e frutas. Falou-nos de seus filhos. Confessou-nos que, na sua idade, gosta somente de doces e flores. Ao final dos encontros, eu saía com uma sensação de plenitude que tomava minha cabeça, meu coração e meu estômago. Não era necessário fazer-lhe perguntas. Eu sempre preenchia dezenas de folhas com perguntas antes de chegar ao seu apartamento, mas nunca olhava para elas. Era Irina quem decidia o que queria nos dizer e o momento certo para fazê-lo. E era sempre ela a decidir quando era hora de parar para recobrar o fôlego e ir até a cozinha para tomar chá ou quando era importante ilustrar um relato com uma foto ou um documento. Então, com a ajuda de uma bengala, levantava-se do sofá-cama, abria o armário ou vasculhava uma gaveta. Um dia, mostrou-nos sua coleção de gorros de lã. A cada encontro usava um diferente. Em outro dia, mostrou-nos um bichinho de pelúcia, em cuja barriga tinha escondido uma reserva de bombons. Nunca os ofereceu a nós. “Deve ser mesmo uma gulosa”, pensei. E vi que sorria, sorria com frequência, de si mesma e de suas lembranças.

Em voo

Por sorte, não há neblina. Até o último instante, Irina achou que a névoa pudesse baixar de repente, como costumava acontecer naquela porção de terra soviética, inserida entre três mares. Porém, como programado, o avião pôde decolar.

Ela é a navegadora. Antes de partir, verificou o mapa que tem sobre os joelhos e agora olha para baixo. Ali está o rio, ao lado o pomar, depois algumas casas – os camponeses fugiram ou foram mortos –, em seguida uma mancha larga e escura, o bosque. Segundo as indicações, o inimigo estaria acampado justamente ao lado das casas, das quais seu comando deve ter se apropriado. Veem-se algumas pequenas luzes, provavelmente fogueiras; os alemães que caminharam o dia inteiro devem estar se aquecendo.

Larissa é uma piloto hábil, uma das mais experientes do regimento. Inscreveu-se muito jovem no aeroclube de Saratov e, em 1940, ainda com 20 anos, foi a Moscou para frequentar o Instituto de Aviação. A guerra não a pegou despreparada; conhecia a grande Marina Raskova, que foi quem a chamou. A convocação lhe pareceu um milagre: ela, que desde pequena cultivara o sonho de voar, agora era chamada a fazê-lo ao lado de seu mito.

Pilota o avião com tranquilidade, pode alcançar até 120 quilômetros por hora; falta pouco mais de meia hora para chegar ao destino. Irina, no banco de trás, observa as mãos de Larissa acionando os comandos,

levantando as alavancas e manejando o manche com perícia. Nem mesmo o Cáucaso parece preocupar a pilota, que mantém sua lúcida serenidade até diante das montanhas que se erguem como bastiões, formando barreiras que parecem engolir os pequenos aviões. Não a assustam os ventos úmidos que vêm do mar Negro e as sacodem, nem as nuvens que, em um incessante movimento, mudam de um instante para outro a visibilidade, nem a neblina que se ergue, densa e veloz, tampouco as fendas e as rochas traiçoeiras.

Chegaram. As duas moças estão muito próximas, uma atrás da outra. Podem tocar-se na pequena cabine, mas se comunicam apenas através de um tubo de borracha, pois suas vozes são cobertas pelo ronco do motor.

Irina verifica o mapa mais uma vez, olha a bússola, não pode errar.

— Comece a descer — diz, depois de cerca de meia hora de voo. — Precisamos ver melhor.

Larissa desce mais. Estão a 700 metros. Mais um pouco e alguém poderia enxergá-las do solo; melhor apagar as luzes, é inútil arriscar.

Agora as casas podem ser vistas com clareza, assim como as árvores do pomar. Para não serem ouvidas, também desligam os motores. “Será que os camponeses conseguiram colher as maçãs a tempo?”, surpreende-se a pensar Irina, enquanto aperta a corda que comanda a liberação das bombas que estão na barriga do biplano. Em poucos segundos, vai puxá-la, um compartimento se abrirá, e os explosivos cairão no acampamento inimigo.

Estão a quase 500 metros. Têm poucos segundos disponíveis para concluir a missão, o tempo exato para lançarem tochas que vão iluminar o terreno. Chamam-se Sab, estão ligadas a pequenos paraquedas e, ao descerem, iluminarão o alvo. É preciso andar rápido, muito rápido. Após as Sab, Irina tem de desengatar as bombas e, ao mesmo tempo, Larissa precisa estar pronta para mergulhar de cabeça,

sem descer a menos de 400 metros, para depois religar o motor, tornar a ganhar altura e subir rumo à lua.

Pronto, a tocha iluminou o terreno, Irina consegue ver claramente, é chegada a hora: puxa a corda que segurou no colo até aquele momento, e o compartimento disposto sob a barriga do avião, onde estão as bombas, se abre. Mais alguns segundos, depois o estrondo, são ofuscadas por uma luz, mas não veem o fogo nem as chamas porque já estão subindo novamente. Seiscentos, depois setecentos metros, vão rápido, com a máxima velocidade possível; precisam ficar invisíveis.

Feixes de luz rasgam o céu. Na terra, o inimigo ligou os refletores. Se as luzes alcançarem o avião, será o fim de Larissa e Irina: a artilharia antiaérea inimiga é potente e precisa, dificilmente errará um alvo tão lento. Na noite anterior, quando entrou em ação, o biplano foi obrigado a realizar um *slalom* entre as nuvens, e elas temeram o pior. Se tivessem sido atingidas, não teriam conseguido deixar o bimotor: não têm paraquedas, isso não é previsto. De resto, lançar-se em território inimigo e ser capturado pela *Wehrmacht* é pior do que morrer. Resta apenas tentar esquivar-se dos ataques. Por sorte, o Polikarpov, avião em que estão, não é veloz, mas é pequeno e de fácil manejo; pode desviar-se com prontidão e fugir para cima com agilidade.

Voltaram a mil metros, onde estão mais seguras. Quem ativa os refletores em terra também sabe disso. Agora o inimigo tem a certeza de que outros aviões, outras bombas chegarão em intervalos regulares de cinco, dez minutos, e de que o bombardeio vai durar a noite inteira. E de que será veloz e incansável.

Larissa está concentrada na direção. Nada em seu rosto demonstra emoção ou cansaço. Faz apenas um aceno com a mão para dizer:

“Conseguimos”. Irina percebe a tensão que ainda oprime o corpo da amiga.

— Descanse, Larissa. Deixe que eu assumo o comando — lhe diz.

A mente precisa estar concentrada e ser veloz para recalcular o percurso que as levará de volta ao aeródromo. Mas nessa noite o céu está límpido, e a lua desponta o suficiente para fazer brilhar a faixa de rio que indica a direção rumo à base, ao lar. É possível retornar voando sem o auxílio de instrumentos, o que não é comum acontecer. Depois de uma virada decidida, Irina identifica a conhecida sinuosidade do rio, segue sua curva e guia o dócil Polikarpov pelo caminho de volta. Mais vinte minutos e logo virá a aterrissagem, ágil como a decolagem, no pequeno aeroporto entre os campos, do qual partiram.

Marya, a encarregada dos armamentos que montou as bombas, corre ao encontro delas, olha o compartimento vazio sob o avião e as cumprimenta. A nova carga já está pronta. Enquanto Larissa e Irina descem, ouvem o ronco de outro biplano que está partindo. Dentro dele estão Nadya e Valentina. Em seguida, será a vez de Dina e Yevgueniya, já prontas na pista. Yevgueniya as cumprimenta agitando a mão e com um sorriso sereno. Quando está para voar, seu rosto se ilumina porque – conforme diz – gosta de se aproximar das estrelas. Ali se sente mais à vontade do que em terra. Irina vê Sonya carregando as bombas sob a barriga do avião – desta vez são menores e mais numerosas – e Olga verificando o combustível. Irina e Larissa precisam esperar o próximo turno e podem descansar um pouco. Se conseguirem. A cabeça lateja, nas pernas ainda vibra um tremor difícil de controlar, e o estômago está apertado como se estivesse em um torno. No entanto, seria melhor se dormissem pelo menos uma hora antes de partirem novamente. É outono avançado, as noites são longas, e cada avião pode fazer seis ou sete voos. Ao redor delas, no

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

vertente errada ou, pelo menos, não totalmente verdadeira. Há todos os ingredientes perigosos, que podem fazer desta uma narrativa hagiográfica. Basta apontar para o heroísmo e o patriotismo, e pronto. Mas também existem, podem existir todos os ingredientes para uma história de sofrimento, de luto, de crueldade. Irina e suas amigas podem facilmente parecer vítimas de um episódio controlado por outras pessoas. Vítimas do acaso, da brutalidade alheia. Mulheres que, não violentas “por natureza”, foram obrigadas a tornar-se violentas. E isso também não é verdade.

Durante alguns meses, uma questão me atormenta, e me dou conta de que, para quem lê, ela pode parecer secundária. Não o é, porque se entrelaça com outra, igualmente importante. Ouvi da viva voz de uma mulher inteligente, perspicaz e lúcida suas memórias. Enquanto ela falava, pensei que, quando morresse, não haveria ninguém mais para narrá-las diretamente. Que talvez Eleonora e eu fôssemos as últimas a poder gozar desse privilégio. Porém, sei que a memória – até a melhor delas – seleciona, apaga, sobrepõe.

Mais uma vez, recebo os conselhos de duas escritoras. Em seu *Ivan's War*, a historiadora inglesa Catherine Merridale entrevistou duzentos soldados do Exército Vermelho e constatou como a censura interna, de um lado, e a ideologia, de outro, podem influenciar fortemente a memória, que só retém o que quer ou o que pode reter. Ou então o que ajuda a viver melhor. E, mais uma vez, Svetlana Aleksievitch, que, ao buscar a memória feminina da guerra, também constatou medos e recalques.

Irina me pareceu tão segura das suas lembranças, soube entrelaçar tão bem sofrimento e patriotismo, abnegação e compreensão dos fatos! No entanto, uma pergunta se impõe: com quais mecanismos mais ou menos conscientes realizou sua seleção? Quantas coisas calou, reprimiu ou considerou não essenciais? Cabe a mim – com respeito e

*image
not
available*

“Corram, Molotov vai falar!”

— Liguem imediatamente o rádio! Daqui pouco o companheiro Molotov vai falar.

É junho, um mês mágico em Moscou. Desaparecida a lama da primavera, lembro-me do já distante gelo do inverno. O ar é invadido pelo perfume dos lilases e dos lírios-do-vale que florescem por toda parte e são vendidos e comprados em pequenos maços nas esquinas. As noites são longas, não como no norte do país, mas o suficiente para que os moscovitas possam desfrutá-la, aliviados das camadas de lã que os oprimiram durante o inverno.

Para Irina, junho de 1941 é um mês particularmente feliz. Está terminando o triênio de física e preparando seu trabalho de conclusão de curso. Falta pouco para encerrar os estudos, para o momento em que deixará de pesar na magra balança da mãe. A pátria socialista lhe oferecerá um trabalho e sua vida mudará.

Nessa manhã, foi com a amiga Elena ao Instituto de Patologia Médica para propor a um ilustre acadêmico um projeto de tese sobre a relação entre a física e a medicina. O professor a acolheu com boa vontade. “Uma tese ousada e interessante”, disse, e as duas amigas se sentiram aliviadas. A entrevista teria continuado, e o trabalho de ambas teria sido apresentado com mais detalhes se eles não tivessem sido interrompidos por aqueles gritos no corredor, seguidos pelo barulho das portas abrindo-se e fechando-se, de pessoas correndo e

*image
not
available*

pátria decidir. Com efeito, nas semanas seguintes, vão colher o grão no lugar dos camponeses que partem para a linha de frente, cavam trincheiras, galerias e fossos para defender sua cidade, erguem barreiras com terra e areia e seguem como podem o curso dos acontecimentos: os responsáveis do Partido e o rádio são suas fontes de informação.

Justamente em um dia de julho, enquanto Irina, Elena e algumas colcozianas estão guardando feixes de grãos, o rádio transmite uma nova mensagem, desta vez de Josef Stalin. O trabalho nos campos é interrompido para que todos ouçam a voz do paizinho.

— Irmãos e irmãs — assim Stalin se dirige a seu povo, e é o que basta para fazer entender a gravidade do momento. Irina e Elena ficam sabendo o que até então apenas se murmurava. — A pérfida agressão militar por parte da Alemanha hitlerista contra a nossa pátria, iniciada em 22 de junho, continua — diz Stalin. — Não obstante a heroica resistência do Exército Vermelho, não obstante o fato de que as melhores divisões do inimigo e de sua Força Aérea já tenham sido derrotadas e encontrado seu túmulo nos campos de batalha, o invasor continua a avançar, lançando novas forças à linha de frente. As tropas hitleristas conseguiram ocupar a Lituânia, uma parte considerável da Letônia, a parte ocidental da Bielorrússia e uma parte da Ucrânia ocidental. A Força Aérea nazista está ampliando sua esfera de ação e bombardeando Murmansk, Orsha, Mogilev, Smolensk, Kiev, Odessa e Sebastopol. Sobre nossa pátria pesa um grave perigo.

O chefe do Partido incita à luta e se diz seguro da vitória, mas não esconde a extrema dificuldade do momento.

Com o final do verão, Irina retorna a Moscou, como muitos de seus colegas. Na capital respira-se agitação e medo. As tropas alemãs estão se aproximando; passados apenas três meses do início das

*image
not
available*

do Partido. Comentam com perplexidade as notícias da guerra, confrontam os fatos e sabem muito mais do que aquilo que é oficialmente difundido. Sabem, por exemplo – e Irina é a mais indignada com isso – que quando o Exército Vermelho consegue libertar seus soldados prisioneiros dos alemães, manda-os para os *gulags*. Considera-os traidores só porque caíram nas mãos inimigas, desertores só porque não foram mortos.

— Quem tem o pior comportamento: os alemães ou nós? — pergunta Irina a seus amigos.

Debatem, debatem, debatem e sentem atração uns pelos outros. Assim como Jules e Jim se apaixonam por Catherine, Dimitri e Mikhail se apaixonam por Irina. Admiram sua longa trança preta, os olhos cor de avelã, o corpo ágil que escala por toda parte, as pernas velozes que não renunciam às caminhadas mais cansativas, sua paixão pelo teatro e pelo paraquedismo, a coragem com que exprime também as opiniões mais incômodas, as observações irônicas que não poupam professores nem dirigentes políticos. Todavia nenhum dos dois ousou algum dia declarar-se.

Quanto a Irina, ela gosta de ambos, acha que está apaixonada, mas não sabe exatamente por qual dos dois. Juntos, parecem-lhe perfeitos. De Dimitri gosta dos olhos escuros que a examinam em silêncio, a testa alta, o caráter reservado, a cortesia; é capaz de ouvi-lo por horas enquanto fala com entusiasmo das ondas de rádio ou do espectro eletromagnético. Quando se cala, porém, é difícil penetrar em seu silêncio, então ela tem a impressão de não conseguir compreendê-lo a fundo, como se ele usasse a gentileza para preservar uma parte de si, para mantê-la escondida. Nesses momentos, mesmo não sendo tímida, Irina sente certo desconforto. Mas, depois, basta que ele lhe faça alguma confidência para que tudo passe.

*image
not
available*

olhar pensativo. É Dimitri, fotografado alguns anos depois da guerra, quando já era professor de física. Irina se casou com ele e teve dois filhos. Faz dez anos que Dimitri se foi. Por alto, creio que viveram juntos mais de sessenta anos.

*image
not
available*

uma delas, quer ser uma das voluntárias. Sabe usar bem a metralhadora, sabe saltar de paraquedas. Por que não a convocariam? Essa carta lhe parece quase uma convocação pessoal.

A partir de então tudo acontece muito rápido. Obedece às ordens da secretária do distrito, divulga o comunicado, começa a fazer o que o Partido lhe pediu, mas, dentro dela, tudo está em alvoroço. Não se detém a pensar por que os altos comandos chegaram a essa decisão, qual gravidade ela pressupõe nem o que querem exatamente. Não faz perguntas. Nessa carta está escrito que as mulheres podem combater. Isso lhe basta.

Centenas respondem ao pedido do Komsomol. Depois de uma seleção criteriosa e rigorosa, comunicam-lhes que ingressarão na Força Aérea, em um grupo guiado por Marina Raskova. Podem ir para casa, preparar as mochilas e despedir-se da família. Irina e suas amigas estão entre as escolhidas, e a jovem física não está nem um pouco surpresa. Só podia ser assim.

No dia seguinte, dezenas de jovens mulheres dirigem-se à linha de metrô que leva à estação Dinamo.

Hoje, a algumas centenas de metros dessa estação, há enormes cruzes.

— Vocês com certeza as viram quando vieram do aeroporto — nos diz Irina. — Marcam o local em que uma coluna de motociclistas da Wehrmacht foi agredida e destruída pelos moscovitas. As motocicletas passavam em fila, cada uma delas com sidecar (assento lateral), homens vestidos de cinza, avançando e metralhando. O povo de Moscou conseguiu detê-los.

Na estação Dinamo, nossas moças descem do trem, sobem à superfície e percorrem a estrada que as separa da Academia Zhukovsky. A

*image
not
available*

Uma mulher de aço

Quase não acreditam. As moças, que entraram no aristocrático edifício da Academia da Força Aérea Zhukovsky com vestidos de festa, não conseguem reprimir o entusiasmo. Os olhos brilham, as faces se inflamam, os olhares se cruzam com cumplicidade: acabaram de saber que vão encontrar Marina Raskova, a mulher mais famosa da aeronáutica soviética. É ela quem irá prepará-las para a vida militar.

Em 1941, comunicar para um grupo de garotas russas que estão para encontrar Marina Raskova é como anunciar a um grupo de adolescentes americanas que falarão com sua diva preferida de Hollywood ou, nos anos 1960, dizer a um grupo de jovens europeias que sairão para jantar com John Lennon.

Marina é um mito e uma lenda. Como elas, também é filha da Revolução. Também ela pode vangloriar-se de ter entre suas primeiras recordações as balas nos muros de casa, a fome, o frio, assim como a convicção de poder fazer muito e em primeira pessoa por um mundo novo, de justiça e progresso. Também ela vive na absoluta certeza de que a nova pátria socialista oferecerá toda oportunidade a quem souber demonstrar os devidos dons. Ainda que seja pobre e de origens obscuras, ainda que seja mulher.

Marina estava destinada a se tornar cantora lírica. Era o que seus pais sonhavam para ela. Com efeito, o único registro de sua voz nos arquivos da rádio de Moscou justifica as ambições deles. O timbre não

*image
not
available*

segundo a lenda, Stalin teria certa predileção por essa mulher bela e decidida.

Marina não gosta de perder tempo e sabe que Stalin também é um homem prático. Quando entra no gabinete do grande chefe, com uma longa mesa coberta por um tecido, os retratos dos generais e os mapas cobrindo as paredes, logo apresenta sua proposta em poucas palavras. Pede que as mulheres façam parte da Força Aérea, que sejam enviadas para a linha de frente como pilotas e navegadoras. Explica que são capazes e, sobretudo, que estão ávidas por fazê-lo. Mostra a Stalin os maços de cartas que recebeu naquelas semanas, todas com a mesma solicitação e o mesmo protesto: as mulheres se sentem excluídas da defesa da pátria e querem participar da luta contra o inimigo invasor. Marina não tem medo de lembrar ao secretário do Partido que, nas escolas, as moças, tal como seus colegas homens, frequentaram os aeroclubes, aprenderam a voar e a usar o paraquedas e a metralhadora. Por que, então – insiste – têm de permanecer em casa, guardando nas gavetas suas competências? Por que no Exército Vermelho têm de ser confinadas ao papel de enfermeiras e telefonistas?

Marina não se limita a defender a causa das mulheres. Também toca em outro assunto, ao qual, como bem sabe, Stalin é particularmente sensível. A pátria socialista está em perigo; o inimigo não se deteve nos meses anteriores e agora está batendo às portas de Moscou. Os alemães abateram milhares de aviões russos. O rompimento da linha de frente ocorreu justamente contra a Força Aérea soviética, que está semidestruída. Estão sendo feitos enormes esforços para reconstruir uma frota aérea. As mulheres, com sua abnegação, se tornariam o símbolo do extremo esforço que todo o país está pronto a fazer.

Stalin ouve com atenção, mas não concorda. Olha satisfeito para o maço de cartas que a companheira Raskova aperta entre as mãos,

*image
not
available*

Na taiga

Tenho de abandonar o relato de Irina e a sala da rua Leninskie Gory. Preciso deixar as jovens que acabaram de entrar na Academia Zhukovsky com seus temores e seu ingênuo entusiasmo e recuar alguns passos no tempo, até meados dos anos 1930. É nessa época que Marina se torna um mito para as mulheres soviéticas e passa a ser amada pelas moças que hoje estão prontas para partir para a linha de frente.

São os anos do Grande Expurgo, da repressão e do terror, dos processos sumários, dos tiros de pistola na nuca, dos *gulags*, da perseguição aos cidadãos “socialmente perigosos”. Anos em que os membros mais antigos do Partido podiam ser acusados de espionagem, afastados e mortos porque conspiravam – era o que se dizia – contra o Estado dos soviets.

Mas também são os anos de um rapidíssimo desenvolvimento industrial – nunca atingido com tanta velocidade por nenhum país – e de um extraordinário aumento do emprego. São produzidas na URSS enormes quantidades de ferro, carvão, aço e, em seguida, caminhões, automóveis, novas redes e estações ferroviárias.

A população das cidades aumenta de modo exponencial. Mesmo vivendo em casas comunitárias e espaços restritos, as famílias já não

*image
not
available*

defendida a todo custo. Assim, o chefe da URSS decide criar uma indústria para a produção de tanques, navios e principalmente aviões, prontos para responder ao ataque inimigo. O lugar para a produção deve ser seguro, garantir as conexões e contar com um porto fluvial para receber as provisões e o petróleo proveniente dos poços da ilha de Sacalina. Resta o problema de encontrar a mão de obra disposta a transferir-se para um território tão inóspito e entristecido pela presença sinistra de muitos campos de detenção. Stalin apela aos jovens soviéticos e batiza o novo assentamento com o atraente nome de Komsomolsk.

“Venha construir Komsomolsk”, canta a propaganda do regime, “a cidade do Komsomol, da juventude comunista, a vanguarda soviética no Extremo Oriente, a cidade do sol nascente e do futuro.”

Na verdade, a maioria dos jovens soviéticos fica perplexa, mas certo número de entusiastas parte para a nova cidade às margens do Amur. Apenas algumas centenas, mas o suficiente para alimentar a propaganda e construir o mito.

Hoje sabemos que quem na verdade construiu Komsomolsk foram os condenados a trabalhos forçados, que eram enviados a esses locais inóspitos a fim de expiarem suas penas.

A missão de Marina e suas companheiras é preparada com o máximo cuidado, empenhando todo recurso tecnológico e colocando em movimento um enorme aparato propagandístico. São muitas as reuniões em que o assunto é discutido no Kremlin. Stalin, Molotov e os mais altos dirigentes do Partido participam delas e definem até os detalhes do voo. Nada deve escapar à atenção, todo pormenor precisa ser verificado.

*image
not
available*

se abate. No céu passam aviões à sua procura, tenta, então, chamar a atenção estendendo a roupa no chão e deitando-se. Nada. Apenas o rugido de um urso ameaçadoramente próximo. Marina não dispara de imediato, tem apenas três balas e sabe muito bem que não devem ser desperdiçadas. Quando cai a noite, começa a sentir-se fraca, está com muito sono, mas o urso a mantém acordada. Embora escuro e peludo, tem um aspecto mais digno do que o seu. Marina dispara, o urso escapa, e ela nunca saberá se o feriu nem com que gravidade.

A neve cai sem trégua e congela. No céu, já não se ouve o som dos aviões procurando por ela. Entre os abetos e lariços da taiga, existe apenas uma possibilidade de salvação: encontrar as companheiras e seu avião. Marina caminha, não se detém e não duvida nem mesmo por um instante de que conseguirá chegar à meta.

Nesse meio-tempo, o grande aparato do socorro continua a trabalhar. Há 2 milhões de metros quadrados a serem explorados, mas o Kremlin, como se diz, não se preocupa com as despesas. O Estado socialista tem de demonstrar ao povo que não abandona seus filhos e suas filhas em dificuldade. Os destroços do *Rodina* com Valentina e Polina são encontrados oito dias após a aterrissagem de emergência. Ambas estão debilitadas, mas vivas. E Marina? Marina está perdida, e, depois de uma semana, são grandes as possibilidades de que não tenha sobrevivido. Não é possível sobreviver naquele clima por tanto tempo. Os socorristas chegaram a essa conclusão e estão prontos para abandonar as buscas, mas as amigas se recusam a ir embora e deixar a taiga sem Marina. Não consideram nem por um instante – realidade? Lenda? Mito? – a possibilidade de que sua companheira possa não estar viva. Vencem, e no nono dia veem uma figurinha preta avançar na taiga submersa na neve. É Marina, cansada, ferida, mas inteira. A primeira coisa que faz depois de abraçar as companheiras é verificar a cauda do avião. Quando vê que está intacta, diz a Valentina:

*image
not
available*

lhe pareceu de tamanho pequeno: depois de experimentá-lo rapidamente, constatam que dentro do casaco cabem pelo menos três dela. Valentina aproxima dos quadris um par de calças e observa que um bom pedaço se estende pelo chão; teria de apertar o cinturão no pescoço para que ficasse na altura adequada.

Na soleira, os militares tentam permanecer sérios, mas seus olhos traem um divertimento infantil. Nada fazem para aliviar o embaraço de suas companheiras de armas. Talvez bastasse fechar a porta e deixá-las sozinhas, mas, ao que parece, não têm nenhuma intenção de fazê-lo; ao contrário, posicionam-se de modo que não percam nenhum detalhe do espetáculo. Nesse momento, diante desse comportamento prepotente e zombeteiro, Natasha ergue a cabeça com um movimento rápido e grita:

— Não há nada para olhar. O que estão fazendo aí? Vão embora! Não estão vendo que temos de nos despir? Se não quiserem nos deixar, pelo menos virem a cabeça para a parede e fiquem assim até terminarmos.

Os quatro soldados não estavam esperando por isso e, na verdade, nem mesmo as jovens recrutas contavam com a reação da companheira. Mal conhecem Natasha: sabem que não vem da universidade, que não faz parte do grupo de estudantes. É casada e tem dois filhos, que deixou com os avós. O marido partiu para a guerra, e ela, que antes do alistamento criava frangos e vendia ovos para viver, decidiu ir para a linha de frente. Depois de um curso de artilharia, apresentou-se para a seleção e conseguiu desembarcar na Zhukovsky. Tem alguns anos a mais do que a maioria das garotas, quer entender e aprender, mas é menos tímida e mais decidida. Dá a impressão de saber mais do que as outras como funciona o mundo e, desde o início, não se deixa perturbar em absoluto pelas piadas dos homens da Academia.

*image
not
available*

cultivar os campos e servir de baluarte no perene conflito entre os russos e os povos orientais. Conservando a própria língua e as próprias tradições, essa comunidade partilhara a história do império, sofrera dramáticas perseguições (na guerra civil, apoiara os Brancos) e finalmente tivera sua autonomia reconhecida pelo Estado soviético como República Socialista Soviética Autônoma dos Alemães do Volga, com Engels como capital. Agora, essa comunidade já não existe. Com a eclosão da guerra, tudo mudou. Temendo que, com o avanço dos nazistas, os alemães pudessem passar para o lado do inimigo, no final de agosto de 1941, apenas alguns meses antes da chegada de nossas garotas, Stalin deu ordem para deportar a população para a Sibéria, o Cazaquistão e outras regiões da Ásia Central. Hoje sabemos que um terço do 1,5 milhão de deportados não sobreviveu.

A ponte ferroviária de quase dois quilômetros entre Saratov e Engels, da qual os soviéticos se orgulhavam porque unia as duas margens do Volga, permitindo aos trens conectar Moscou ao Cáucaso, permaneceu crucial; porém, não mais para o desenvolvimento da indústria, e sim para o transporte de armas, soldados e provisões para o sul e para Stalingrado e porque facilitava o caminho rumo aos poços de petróleo, mais preciosos do que nunca. E é claro que ganhou grande relevância a base da Força Aérea, único lugar vital no deserto da região.

As moças de Raskova recebem a notícia de que se tornarão verdadeiras soldadas em Engels. Estão orgulhosas. No entanto, não conseguem evitar que a melancolia se insinue nos vagões aquecidos pelas estufas a lenha quando o trem deixa Moscou. Não conseguem evitar o pensamento: “Será que voltaremos?”.

— *Agora vocês vão dar risada — anuncia a velha Irina.*

*image
not
available*

trocaram confidências. No trem para Engels nasceram novas amizades.

Estão convencidas de que a guerra vai durar pouco. Questão de semanas, alguns meses no máximo. Assim que a grande pátria soviética puser em ação os planos de ataque, o inimigo será repellido com a contribuição delas.

Em fila na calçada, sentem os olhos dos oficiais sobre si. Olhares severos passam uma a uma em revista, examinando-as da cabeça aos pés, como se fossem animais estranhos, vindos sabe-se lá de onde e desembarcadas sabe-se lá por que na estação ferroviária de Engels. Não sorriem, não zombam delas como os soldados na Academia, mas em seus olhos elas veem a mesma desconfiança.

— São essas mulheres que querem pilotar aviões de combate? — diz um dos militares em voz alta, para ter certeza de ser ouvido.

Irina pensa em Marina Raskova, em suas palavras antes da partida. A comandante não escondeu as durezas da guerra, e elas imaginaram o pior. A viagem lhes deu uma amostra das dificuldades, mas não chegou a arranhar seu entusiasmo nem seu bom humor. No entanto, a hostilidade dos oficiais, a ironia dos soldados e o ceticismo dos comandantes não haviam sido levados em conta. Elas não tinham imaginado o escárnio nem os olhares maldosos que as acompanhariam.

Um oficial tem em mãos um envelope amarelo e, depois de lançar a elas um último olhar desconfiado, abre-o para ler a mensagem. Contém a primeira disposição oficial. O comando ordena que as futuras pilotas cortem os cabelos imediatamente. As belas tranças que trazem nas costas, cruzadas na cabeça ou enroladas na nuca não são adequadas aos gorros militares, à guerra, aos aviões, às batalhas; não se conciliam com suas novas tarefas.

*image
not
available*

mesmo a simples revelação de uma linha secreta deixam transparecer os temores que a grande parada na Praça Vermelha queria ocultar: o momento é realmente grave.

As estações da linha secreta podem servir de refúgio caso os alemães entrem na capital. Foi preparado um local operacional na Sovetskaya, entre o Bolshoi e a Mayakovskaya, para o caso de uma invasão. O metrô secreto também liga o Kremlin aos dois bunkers de Stalin, um debaixo do Estádio, com uma sala de reuniões e uma estação de rádio de onde se podiam transmitir os discursos oficiais, e outro debaixo de sua dacha. De ambos os bunkers é possível chegar ao aeroporto. Em suma, tudo parece pronto para uma derrota possível e iminente.

No entanto, as jovens nada sabem da história das linhas secretas do metrô: ela só será conhecida muito tempo depois.

No dia 7 de novembro de 1941, ouvem pelo rádio o discurso de Stalin em religioso silêncio. “Perdemos temporariamente uma série de regiões; o inimigo se encontra às portas de Leningrado e de Moscou”. E acrescenta: “Os alemães calculavam que desde o primeiro confronto nosso exército se dispersaria e nosso país seria posto de joelhos, mas se enganaram redondamente. Apesar dos insucessos momentâneos, nosso exército e nossa marinha repeliram com heroísmo os ataques do inimigo em toda a linha de frente e lhe infligiram graves perdas; e nosso país, todo o nosso país, organizou-se em um único campo de combate para derrotar, com nosso exército e nossa marinha, os invasores alemães”.

Irina se lembra bem do quanto ela e suas companheiras, que nesse dia importante fizeram uma foto, sentiram-se orgulhosas por fazerem parte do grande exército que derrotaria as tropas de Hitler.

*image
not
available*

Irina fez cursos de paraquedismo e não tem medo do vazio nem do voo, mas para muitas de suas companheiras o treinamento é mais duro do que esperavam. Em Ludmila causa náusea e tontura; Tânia e Olga não se aguentam em pé quando terminam as sessões. A tensão é tanta que não conseguem dormir. Não têm certeza se no dia seguinte conseguirão recomeçar. Precisam lutar contra as vertigens, a exaustão e o medo; precisam cerrar os dentes e continuar como estivessem bem. Além do mais, nem mesmo as noites são tranquilas. De vez em quando, Marina Raskova manda soar o alarme, exigindo que se vistam e estejam prontas em cinco minutos. Uma delas tentou contornar o problema vestindo o uniforme sobre a camisola, mas, quando descoberta, foi obrigada a marchar com as pernas nuas na pista do aeroporto, sob o vento gelado. Uma vergonha da qual todas querem poupar-se.

As moças do 588 olham Marina com admiração cada vez maior, reconhecendo nela a têmpera de uma verdadeira comandante: está presente em todas as circunstâncias, continua a orientá-las, a corrigir seus erros. Não lhe escapam os momentos de fraqueza e de crise e os enfrenta abertamente. Se vê alguma delas extenuada após um voo difícil, olha bem em seus olhos e lhe pergunta:

— E então? Está a fim de voar?

— Claro que sim! — É a resposta imediata.

Se alguma outra dá sinais de capitulação, Marina pergunta sem rodeios:

— Está cansada? Ainda não estamos na linha de frente. Depois, já vou avisando, vai ser pior. Tem certeza de que consegue?

Não há dúvida de que vai conseguir.

— Está com medo de ir para a linha de frente? Sabe que o inimigo vai atacá-la?

— Não, sou eu quem vai atacá-lo primeiro.

*image
not
available*

cabelos mal cortados sob os gorros militares. Trabalham duro, aprendem muito, mas os esforços ainda são insuficientes: não conhecem bem as regras, as hierarquias, a etiqueta militar, e colecionam uma gafe após a outra.

Os soldados, os oficiais e os instrutores as observam sem nenhuma indulgência, muitas vezes com um preconceito injustificado. Consideram-nas mulherezinhas frívolas, cheias de caprichos, e não economizam no escárnio, nas risadinhas, nos olhares de superioridade. As meninas da Rakova sofrem com isso e reagem do único modo possível: evitando com determinação todo contato com eles; simplesmente decidem evitá-los. Bobik, que entendeu o humor de suas amigas, late para todos os homens que encontra.

Para se sentirem mais fortes, ficam sempre juntas, prontas a retribuir o desdém masculino com audácia. À hostilidade e à ironia respondem com indiferença e altivez. Vão ao refeitório em fila, olhando para a frente, ignorando quem as observa ou cumprimenta, cantando, quase gritando uma canção que Katya é a primeira a entoar com voz estridente. Quando pilotos, instrutores ou soldados as veem passar, riem e gritam com escárnio:

— Lá vai o batalhão da morte.

Elas fingem que não é com elas e cantam em voz ainda mais alta.

— Meninas, olhem para eles de cima para baixo! — Sugere Vera Lomako, a grande aviadora que, com Marina, pilotou um hidroavião pela primeira vez de Odessa a Arkangelsk sem escalas, e por isso é admirada e amada por todas. Bastam suas palavras para que elas se sintam mais seguras. Vão conseguir e mostrar-se mais fortes do que aqueles homens insolentes. Repetem a si mesmas que Stalin por certo não teria decidido instituir regimentos inteiramente femininos se não estivesse seguro do que estava fazendo. E Marina Raskova, que é rigorosa e severa, tem uma confiança inabalável na capacidade delas.

*image
not
available*

em relação às dificuldades encontradas no início do caminho, e sim uma parte essencial da história das jovens. Ainda descreve com gosto a resposta orgulhosa das meninas da Raskova. Fico surpresa. Estou falando – penso enquanto ouço – com uma heroína da União Soviética, um ícone da luta contra o nazifascismo, a última representante de um grupo de mulheres que engrandeceu a história, e ouço palavras e comportamentos que são parte do feminismo radical dos anos 1970, incluído o separatismo. Porque – talvez Irina não saiba – seu regimento praticou o que outras mulheres teorizaram e exerceram quarenta anos depois, embora em situações menos trágicas: a separação dos homens para reencontrarem a si próprias e enfrentarem melhor um mundo que sentiam ser hostil a elas.

Estou certa de que, quando eu escrever sobre isso, pensarão que estou exagerando. Já ouço as objeções: “Tão feministas? Na União Soviética? Sob Stalin? Será que você não está divagando? Não estaria sobrepondo a sua experiência e a sua cultura à dela? Era tempo de guerra, não de feminismo”. É o que me dirão.

Meus pensamentos são interrompidos por Irina:

— Vamos tomar um chazinho? — Sugere, como sempre, a certa hora da tarde.

Quando nos dirigimos à cozinha, geralmente o tom da conversa muda. Enquanto em seu escritório a velha senhora fala seguindo uma ordem preestabelecida e nunca se desvia de um esquema que, sem dúvida, preparou em sua cabeça, na cozinha deixa-se levar por lembranças imprevisíveis. Sentada em uma cadeira entre a geladeira e a mesa, outorga a mim e a Eleonora o preparo do chá e continua a falar. Nesses momentos a memória se liberta e segue percursos menos condicionados. Por isso, gosto muito das pausas para o chá, mas desta vez eu queria ter continuado a entender mais sobre o período separatista; queria outros elementos para responder a quem colocasse

*image
not
available*

não consegue dormir e sente uma saudade desesperada de sua mãe. Sabe que não tem nenhuma autoridade. Como podem pensar que dará ordens e organizará suas amigas?

Irina atravessa o acampamento correndo, tentando sufocar as lágrimas. Procura as companheiras: como contar a elas sobre sua promoção? Como a receberão? Ficarão contentes ou logo a sentirão diferente e distante? Trabalharam e estudaram duro nesses meses, ajudaram-se muito, e criou-se entre elas uma extraordinária e solidária união. Muitas vezes, quando para uma delas chegava uma carta de casa, liam-na e comentavam-na juntas. Todas tinham notícias dos dois filhos pequenos que Natasha deixara com os avós e todas participavam da difícil história de amor de Ludmila.

Naqueles meses, a vida de treinamento foi suportável, às vezes até agradável, pois havia suas amigas. Pensou na noite anterior, quando viram Olga triste porque fazia semanas que não recebia notícias do noivo. Um pouco para consolá-la, um pouco porque tinham vontade de se afastar da rígida disciplina do acampamento, organizaram uma pequena festa, dançaram e cantaram até ficarem sem voz. Muitas também fumaram cigarros e beberam um pouco de vodca. Depois viram uns gatinhos que tinham se aproximado da cerca do acampamento e os acolheram, alimentaram e confortaram. Os gatinhos famintos contribuíram para a alegria da noite.

Está para se tornar a vice-comandante das suas amigas. Deve haver algum engano, pensa de repente. Para no meio do acampamento e segura as lágrimas: sim, deve ter sido um mal-entendido. É preciso conversar em particular com Marina Raskova; ela entenderá e remediará a situação imediatamente.

Retorna, entra nas salas do comando e pede para falar com Marina. Sabe que é muito ocupada, que passa as noites à sua mesa de trabalho, que dela dependem não apenas os treinamentos, mas também os

*image
not
available*

O regimento das tolinhas

Gostamos de ver junto com Irina as fotos que retratam as bruxas nos anos da guerra. Ela cita nomes, descreve caracteres, fala delas e das circunstâncias em que a foto foi tirada.

Muitas dessas imagens são de Yevgeny Anan'evich Khaldei, um dos mais famosos fotógrafos oficiais do Exército Vermelho, autor da foto símbolo da vitória sobre o nazifascismo: o soldado russo que, depois da capitulação de Berlim, hasteia a bandeira vermelha no Reichstag.

Khaldei fotografou as bruxas para os retratos oficiais e em seu dia a dia durante a guerra: sob as asas de um Polikarpov, quando se cumprimentam antes de um voo; em um desfile diante dos oficiais; enquanto olham um mapa ou seguram o manche; ou ainda nos momentos de descanso, quando dançam o kazatchok, leem e fumam cigarros.

São imagens serenas, vitais, muitas vezes alegres. Nos olhos dessas mulheres brilha a luz do entusiasmo, o fogo da juventude. O fotógrafo do Exército Vermelho não retrata situações desagradáveis ou feias, não registra momentos de ansiedade ou angústia; relata a amizade, o afeto, a camaradagem. As mulheres diante da objetiva sorriem com orgulho, como quem sabe que está fazendo algo especial, único, grande.

Enquanto vê as fotos, Irina fala de sentimentos positivos, conta anedotas divertidas, e sua narração também tem o toque do bom humor e do otimismo. No entanto... no entanto, há algo que não

*image
not
available*

218, que combateu em Leningrado e em Moscou e, nesse momento, encontra-se na linha de frente sul. Sabem muito bem que confirmaram os piores preconceitos contra si próprias: que são mulheres choronas, medrosas e sem experiência, que não serão capazes de enfrentar os refletores e a artilharia antiaérea inimiga. Sabem que seu regimento já foi denominado “regimento das tolinhas”. Não sabem – felizmente, do contrário seu astral estaria baixíssimo – que os altos dirigentes também pensaram em utilizá-las o mínimo possível. “Talvez no meio de uma ação comecem a chorar e a gritar ‘mamãe’”, dissera um alto oficial em uma reunião. De qualquer forma, Popov decidiu adiar pelo menos mais duas semanas a primeira ação de guerra. Enquanto são passadas em revista, pensam: será possível que os generais, que nessas semanas estão sofrendo um ataque após o outro, consideram inúteis nossas competências, nosso entusiasmo, nosso patriotismo, nossa capacidade de formar uma equipe? Tentam manter um comportamento sereno, mas se sentem intimidadas e irritadas. O semblante do general é sombrio, a notícia dos acontecimentos da véspera também deve ter chegado aos seus ouvidos. Seu olhar é frio e impenetrável, e passa uma a uma em revista. Em seguida, olha para os Polikarpov, que estão alinhados no terreno, e aproxima-se para examiná-los melhor. Parece mais interessado neles do que nas jovens pilotas, que permanecem rígidas, em posição de sentido. A hostilidade no semblante se atenua, ou melhor, é substituída pelo desconforto. Markian Popov está visivelmente contrariado. Sem dúvida, nem mesmo o nome de Marina Raskova consegue fazê-lo mudar de humor e de opinião.

Algumas horas mais tarde, chama Vershinin, seu chefe e general do quarto esquadrão, e lhe pergunta:

— Passei em revista 112 princesinhas. O que acha que devo fazer com elas?